**TERCEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)**

DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

*Is* 8, 23b - 9, 3*; Sal* 26*; 1 Cor* 1, 10-13. 17*; Mt* 4, 12-23

*O Senhor é minha luz e salvação*

**COMENTÁRIO**

*Luz do mundo*

A Palavra de Deus da liturgia de hoje convida-nos a contemplar o início das actividades públicas de Jesus, como foram relatadas por São Mateus no seu evangelho. As ênfases do evangelista ajudam-nos a detectar e compreender melhor algumas características fundamentais da missão de Cristo e, por extensão, de todos os Seus discípulos. Este aprofundamento é muito significativo e mais do que apropriado no contexto actual do Domingo da Palavra de Deus e da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que celebramos nestes dias.

*1. «Começando na Galileia»*

É um facto histórico que Jesus começou as Suas actividades públicas na Galileia, a região norte da terra de Israel. Isto é realçado em várias fontes e, de forma concisa e emblemática, o Apóstolo Pedro anuncia-o da seguinte forma num dos seus discursos nos *Actos dos Apóstolos* (que já ouvimos na Festa do Baptismo deste ano): «Sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, começando na Galileia, depois do baptismo que João pregou, como Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como Ele andou por toda a parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com Ele» (*Act* 10, 37-38).

A partir deste dado de facto, o Evangelista Mateus quis sublinhar ainda mais que se trata aqui da dupla natureza desta Galileia na qual Jesus começou a Sua missão pública. Por um lado, é a «Terra do Zabulão e terra de Neftali», ou seja, o território que foi dado como herança a estas duas tribos de Israel (depois de entrarem na Terra Prometida). Por outro lado, também é chamada «Galileia dos gentios», ou seja, Galileia dos povos pagãos, porque após a queda do Reino do Norte de Israel (721/722 a.C.), foram viver para lá os povos não-israelitas que gradualmente povoaram aquela região. Esta “dupla” identidade da Galileia é mencionada nos escritos do profeta Isaías (primeira leitura), e é retomada precisamente pelo evangelista Mateus para sublinhar o cumprimento das Escrituras ao início da missão de Jesus.

A Galileia no tempo de Jesus era, por isso, a Galileia dos gentios *e* de Israel; torna-se assim a imagem do mundo inteiro em que coexistem Israelitas e não-israelitas, judeus e gentios. Foi o (micro)cosmos em que Jesus operou e cumpriu o plano de salvação de Deus para toda a humanidade. Naquela terra, Jesus, o Filho de Deus, começou tudo, assim surgiu «uma grande luz» de Deus para «o povo que vivia nas trevas». Tanto é assim que Ele próprio declarará: «Eu sou a luz do mundo. Quem Me segue jamais caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida» (*Jo* 8, 12). Ele é a luz que ilumina e revela, por palavras e obras, o verdadeiro rosto do Deus misericordioso e compassivo que ama e chama todos a conhecer, ou seja, a experimentar o Seu amor, para desfrutar a vida em abundância com e em Deus. Tudo isto começa na Galileia de Israel e dos Gentios.

A este respeito, é significativo que São Mateus, no final do seu evangelho, “levará” todos, Jesus e os Seus discípulos, de volta «para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado» (*Mt* 28, 16). Lá ocorre a última aparição de Jesus Ressuscitado aos Seus, antes da Ascensão, e lá Ele lhes confia o grande mandato missionário: «Ide, fazei discípulos todos os povos [...]. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos tempos» (*Mt* 28, 19-20). Fecha-se assim o circuito da missão de Jesus na terra: da Galileia à Galileia, e assim começa agora a missão dos Seus discípulos, de todos, incluindo dos que “duvidavam” (cf. *Mt* 28, 17): da Galileia ao mundo inteiro cujo símbolo permanece aquela terra de Zabulão e Neftali. Mesmo indo até aos confins mais distantes da terra, os discípulos missionários de Jesus permanecerão misticamente nesta *Sua* Galileia, onde Ele continuará a estar com eles nas suas actividades missionárias «todos os dias, até à consumação dos tempos». Por isso, também os Seus discípulos terão a mesma missão e vocação de serem “luz do mundo”, tal como o Seu Mestre Jesus, luz de Deus que brilha nas trevas, na Galileia do mundo.

*2. «Jesus começou a percorrer toda a Galileia, ensinando... proclamando... e curando»*

À luz do simbolismo da “Galileia”, não é por acaso que o evangelista Mateus quis oferecer de seguida uma descrição sumária das actividades de Jesus: «Começou a percorrer [periēgen] toda a Galileia, ensinando [didaskōn]... proclamando [kēryssōn]... e curando [therapeuōn].» A ênfase no «*toda* a Galileia» parece sublinhar o carácter “universal” e “omnipresente” da missão, enquanto que os quatro verbos resumem as quatro acções fundamentais de Jesus, o Missionário por excelência do Pai.

Antes de mais, «Jesus começou a percorrer [*periēgen*]». Esta é a primeira característica do missionário de Deus, no sentido de ser “a mais importante”. Ela engloba (ou sustém) as outras acções, em particular aquela tríade paradigmática que se segue: «ensinando [*didaskōn*]... proclamando [*kēryssōn*]... e curando [*therapeuōn*]". O “percorrer” de Jesus reflecte uma verdade histórica: o Jesus histórico ia de aldeia em aldeia para levar a cabo a missão que Lhe tinha sido confiada pelo Pai. Ele próprio aconselhou os Seus discípulos a fazerem o mesmo, mas com um detalhe importante: «Não andeis de casa em casa» (*Lc* 10, 7) (de aldeia em aldeia, sim, mas não de casa em casa, talvez para evitar o turismo religioso em vez do trabalho missionário!). Vale a pena recordar aqui o que Jesus disse aos primeiros discípulos em Cafarnaum, quando O procuraram de manhã cedo, depois de um dia de actividade, e O encontraram em oração solitária num lugar deserto fora da cidade: «Vamos a outras partes, às povoações vizinhas, para que Eu pregue ali também; pois para isso é que *vim*! [literalmente, *Eu saí*]» (*Mc* 1, 38). Jesus, o missionário de Deus, que divinamente saiu do seio do Pai, está agora sempre “a sair” para as aldeias de “toda a Galileia”.

Além disso, como mencionado acima, na Sua missão, Jesus realizou as três acções concretas que incorporam todas as outras. Mais ainda, como sublinha São Mateus no texto, é indicada a universalidade dos destinatários/beneficiários destas acções: «ensinando nas sinagogas» aos judeus, «proclamando o Evangelho do reino» – implicitamente a todos, mas particularmente àqueles que não frequentavam as sinagogas –, e «curando todas as doenças e enfermidades entre o povo» – de uns e outros (com efeito, Jesus realizava curas tanto nas sinagogas como fora delas!).

Poder-se-ia falar sem fim sobre esta tríade de acções, mas aqui bastará sublinhar que elas estão intrinsecamente ligadas umas às outras nas actividades missionárias de Jesus; elas vão juntas e visam a libertação e a salvação integral (corpo, alma, espírito) que Deus quer realizar através de Jesus, o Seu messias, como afirma o Apóstolo Pedro no seu discurso acima mencionado: «Deus ungiu-O com o Espírito Santo e com poder; e Ele *andou por toda a parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo*, porque Deus estava com Ele» (*Act* 10, 38).

Esta tríade deve ser recordada e realizada por cada missionário de Deus na escola de Jesus: ensinar, anunciar, curar, cujo fulcro era e continua a ser sempre o anunciar [*kēryssō*], que também pode ser traduzido por pregar, a boa nova do Reino de Deus. Com efeito, a primeira acção e palavra de Jesus que o evangelista menciona é precisamente esta: «Desde então Jesus começou a proclamar e a dizer: “Convertei-vos, pois está próximo o reino dos céus”» (*Mt* 4, 17).

*3. «Convertei-vos, pois está próximo o reino dos céus.» Uma conversão cristã contínua, missionária e ecuménica pelo Reino*

A proclamação da vinda do Reino de Deus (aqui chamado “reino dos céus” para evitar, segundo a tradição judaica, mencionar directamente Deus) vai junto com o convite cordial à conversão para acolher esta nova realidade dada por Deus em Jesus. Com efeito, a conversão, ou melhor, a acção de converter-se, como explicámos num dos comentários anteriores, não se limita a um simples abandono dos pecados para regressar a Deus; segundo a etimologia da palavra grega *metanoiete* “convertei-vos” implica também e sobretudo um pensar (*noeite*) para além (*meta*), um ir além dos padrões habituais de raciocínio, para acreditar no Evangelho anunciado e realizado por Jesus e para abraçar o dom do Reino que n’Ele chegou a todos.

É curiosos notar que, de acordo com o Evangelho de Mateus (que ouvimos hoje e vamos ouvir nos domingos deste ano litúrgico A), este convite cordial, mas premente, à conversão pelo Reino não foi anunciado pela primeira vez por Jesus. Já tinha sido feito por João Baptista que assim se tornou o precursor de Jesus também na proclamação fundamental do Reino. A proclamação da vinda do Reino ressoará depois no anúncio dos discípulos de Jesus, enviados por Ele a preparar-Lhe a vinda, como o Seu Mestre e Senhor recomendara: «Ao ir, proclamai, dizendo que está próximo o reino dos céus» (*Mt* 10, 7). Isto implica sempre um convite à conversão, ou seja, a uma mudança de mente e de coração para acolher o dom do Reino em Jesus, e esta exortação é explicitada por São Pedro no final da sua primeira pregação no dia de Pentecostes: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo...» (*Act* 2, 38).

Este anúncio-convite permanecerá sempre o coração da missão dos discípulos seguidores de Jesus, chamados a operar em cada tempo e lugar para a conversão de todos a Deus, começando por eles próprios. Assim, o Beato Paolo Manna, incansável missionário na Birmânia e fundador da União Missionária Pontifícia, proclamou no seu tempo: «todas as Igrejas pela conversão de todo o mundo», uma frase também citada por São João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Missio* (84) como as palavras de ordem para a missão da Igreja de hoje.

A este respeito, deve ser novamente sublinhado que o apelo à conversão vale também e sobretudo para todos os cristãos, chamados a tornarem-se cada vez mais aquilo que são em virtude do baptismo: “santos e imaculados no amor”, “luz do mundo”, ou como sublinhou o Papa Francisco na última Mensagem para o Dia Mundial das Missões: “profetas, testemunhas, missionários do Senhor”. Trata-se da conversão contínua na vida de fé dos discípulos, que devido à fragilidade humana nem sempre vivem à altura da sua “santidade” vocacional, como já aconteceu com os primeiros cristãos de Corinto que “mereceram” a exortação solene do Apóstolo Paulo: «Rogo-vos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma linguagem e que não haja divisões entre vós, permanecendo bem unidos, no mesmo pensar e no mesmo agir» (*1 Cor* 1, 10). É preciso lembrar que o próprio Senhor Jesus pediu ao Pai, com palavras comoventes, antes da Paixão, pela unidade no amor dos Seus futuros discípulos: «para que todos sejam um só; tal como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo acredite que Tu Me enviaste. Eu estou neles e Tu em Mim, para que sejam consumados num só» (*Jo* 17, 21. 23). Rezemos então:

*Ó Senhor, faz-nos sentir ainda e sempre mais o Teu coração totalmente tomado pelo Reino de Deus, bem como o Teu convite cordial à conversão ao teu Evangelho de paz e amor. Ajuda-nos a viver constantemente esta conversão na nossa vida, para que possamos ser nós próprios, contigo e em Ti, o convite vivo, em palavras e actos, à conversão ao Reino para aqueles que não Te conhecem. E nesta nossa missão de sermos testemunhas de Ti e do Teu Reino, ajuda os Teu discípulos, a estar cada vez mais unidos no Teu amor, superando as divisões existentes nas nossas Igrejas e comunidades. Que o Teu rosto brilhe sobre nós, e seremos salvos e resplandecentes com a Tua Luz para todo o mundo. Maria, mãe de Cristo e mãe dos Seus discípulos, rogai por nós! Amén!*

*Citações úteis:*

**João Paulo II**, Carta Encíclica sobre o empenho ecuménico, ***Ut unum sint***

***Renovação e conversão***

15. Passando dos princípios, do imperativo da consciência cristã à realização do caminho ecuménico rumo à unidade, o Concílio Vaticano II põe em relevo sobretudo *a necessidade da conversão do coração*. O anúncio messiânico – «completou-se o tempo e o Reino de Deus está perto» –, e o consequente apelo – «convertei-vos e crede no Evangelho» (*Mc* 1, 15) –, com os quais Jesus inaugura a Sua missão, indicam o elemento essencial que deve caracterizar qualquer novo início: a exigência fundamental da evangelização em cada etapa do caminho salvífico da Igreja. Mas isso aplica-se de modo particular ao processo desencadeado pelo Concílio Vaticano II que incluiu, no âmbito da renovação, a tarefa ecuménica de unir os cristãos divididos entre si: «Não *existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior*».

O Concílio apela tanto à conversão pessoal, como à conversão comunitária. O anseio de cada Comunidade cristã pela unidade cresce ao ritmo da sua fidelidade ao Evangelho. Ao referir-se às pessoas que vivem a sua vocação cristã, o Concílio fala de conversão interior, de renovação da mente.

Assim, cada um tem que se converter mais radicalmente ao Evangelho e, sem nunca perder de vista o desígnio de Deus, deve rectificar o seu olhar. Com o ecumenismo, a contemplação das «maravilhas de Deus» (*mirabilia Dei*) enriqueceu-se de novos espaços onde o Deus Trino suscita a acção de graças: a percepção de que o Espírito age nas outras Comunidades cristãs, a descoberta de exemplos de santidade, a experiência das infindáveis riquezas da comunhão dos santos, o contacto com aspectos surpreendentes do compromisso cristão. E correlativamente estendeu-se também a necessidade de penitência: a consciência de certas exclusões que ferem a caridade fraterna, de certas recusas em perdoar, de um certo orgulho, daquele entrincheiramento anti-evangélico na condenação dos «outros», de um desprezo que deriva de falsa presunção. Assim, toda a vida dos cristãos está marcada pela solicitude ecuménica e, de certo modo, eles são chamados a deixarem-se plasmar por ela.

23. Enfim, a *comunhão na oração induz a ver com olhos novos a Igreja e o cristianismo*. Com efeito, não se deve esquecer que o Senhor implorou do Pai a unidade dos seus discípulos, para que servisse de testemunho à Sua missão e o mundo pudesse acreditar que o Pai O tinha enviado (cf. *Jo* 17, 21). Pode-se afirmar que o movimento ecuménico teve início, em determinado sentido, da experiência negativa daqueles que, anunciando o único Evangelho, se apelavam cada qual à própria Igreja ou Comunidade eclesial: uma contradição que não podia passar despercebida a quem escutava a mensagem de salvação e que nisso via um obstáculo para acolher o anúncio evangélico. Infelizmente, este grave impedimento não está superado. É verdade! Não estamos ainda em plena comunhão. E todavia, não obstante as nossas divisões, estamos percorrendo o caminho para a plena unidade – aquela unidade que caracterizava a Igreja Apostólica nos seus inícios e que nós procuramos sinceramente: prova-o a nossa oração comum, guiada pela fé. Nela, reunimo-nos no nome de Cristo que é Um. Ele é a nossa unidade.

***Plena unidade e evangelização***

98. O movimento ecuménico do nosso século, mais do que as iniciativas ecuménicas dos séculos passados de que importa, contudo, não subestimar a importância, foi caracterizado por uma perspectiva missionária. No versículo joanino que serve de inspiração e motivo condutor – «que *todos sejam um (...), para que o mundo creia que Tu Me enviaste* (*Jo* 17, 21)» – foi sublinhada a frase *para que o mundo creia* com tal vigor que se corre o risco de esquecer, às vezes, que, no pensamento do evangelista, a unidade é sobretudo para a glória do Pai. De qualquer modo, é claro que a divisão dos cristãos está em contradição com a Verdade que têm a missão de difundir, comprometendo gravemente o seu testemunho. Bem o compreendera e afirmara o meu Predecessor, o Papa Paulo VI, na sua Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*: «Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo, não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja (...). Nisto há-de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de conforto. Quanto a este ponto, nós quereríamos insistir sobre o sinal da unidade entre todos os cristãos, como caminho e instrumento da evangelização. A divisão dos cristãos entre si é um estado de facto grave, que chega a afectar a própria obra de Cristo».

Na verdade, como anunciar o Evangelho da reconciliação, sem contemporaneamente se empenhar a agir pela reconciliação dos cristãos? Se é certo que a Igreja, pelo impulso do Espírito Santo e com a promessa da indefectibilidade, pregou e prega o Evangelho a todas as nações, é verdade também que ela tem de enfrentar as dificuldades provenientes das divisões. Perante missionários que estão em desacordo entre si, embora todos façam apelo a Cristo, saberão os incrédulos acolher a verdadeira mensagem? Não pensarão que o Evangelho é factor de divisão, ainda que seja apresentado como a lei fundamental da caridade?

**Papa Francisco**, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, ***Evangelii Gaudium***

*O diálogo ecuménico*

244. O compromisso ecuménico corresponde à oração do Senhor Jesus pedindo «que todos sejam um só» (*Jo* 17, 21). A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior, se os cristãos superassem as suas divisões e a Igreja realizasse «a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Baptismo, estão separados da sua plena comunhão». Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal. Jesus disse-nos: «Felizes os pacificadores» (*Mt* 5, 9). Neste esforço, mesmo entre nós, cumpre-se a antiga profecia: «Transformarão as suas espadas em relhas de arado» (*Is* 2, 4). […]

246. Dada a gravidade do contra-testemunho da divisão entre cristãos, sobretudo na Ásia e na África, torna-se urgente a busca de caminhos de unidade. Os missionários, nesses continentes, referem repetidamente as críticas, queixas e sarcasmos que recebem por causa do escândalo dos cristãos divididos. Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. A imensa multidão que não recebeu o anúncio de Jesus Cristo não pode deixar-nos indiferentes. Por isso, o esforço por uma unidade que facilite a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se transformar num caminho imprescindível da evangelização. Os sinais de divisão entre cristãos, em países que já estão dilacerados pela violência, juntam outros motivos de conflito vindos da parte de quem deveria ser um activo fermento de paz. São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na acção livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. Só para dar um exemplo, no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade. Através dum intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem.

**João Paulo II**, Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, ***Redemptoris Missio***

1. A MISSÃO DE CRISTO REDENTOR, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. No termo do segundo milénio, após a Sua vinda, uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo, e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço. É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! «Porque se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me foi imposta esta obrigação: ai de mim se não evangelizar!» (*1 Cor* 9, 16).

Em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de S. Paulo. Desde o início do meu pontificado, decidi caminhar até aos confins da terra para manifestar esta solicitude missionária, e este contacto directo com os povos, que ignoram Cristo, convenceu-me ainda mais da urgência de tal actividade a que dedico a presente Encíclica.

O Concílio Vaticano II pretendeu renovar a vida e a actividade da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo: assim sublinhou o seu carácter missionário, fundamentando-o dinamicamente na própria missão trinitária. O impulso missionário pertence, pois, à natureza íntima da vida cristã, e inspira também o ecumenismo: «que todos sejam um (...) para que o mundo creia que Tu Me enviaste» (*Jo* 17,21).